

**EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS:
REPRESENTAÇÕES DOS DISCENTES SURDOS, PANDEMIA DO NOVO
CORONAVÍRUS E EXCLUSÃO INSTITUCIONAL**

**EDUCATION, COMMUNICATION AND PRODUCTION OF SENSES:
REPRESENTATIONS OF DEAF STUDENTS, NEW CORONAVIRUS
PANDEMIC AND INSTITUTIONAL EXCLUSION**

**EDUCACIÓN, COMUNICACIÓN Y PRODUCCIÓN DE SENTIDOS:
REPRESENTACIONES DE ESTUDIANTES SORDOS, NUEVA PANDEMIA DE
CORONAVIRUS Y EXCLUSIÓN INSTITUCIONAL**

Carla Georgia Travassos Teixeira Pinto¹
Alda Cristina Silva da Costa²

Resumo: Este artigo busca compreender quais representações são produzidas pelos discentes surdos sobre a realidade no contexto da pandemia do novo coronavírus. Nossas reflexões apontam a comunicação como ação ética (SODRÉ, 2014) e dimensão estruturante e organizadora da própria vida social (CASTRO, 2020), tendo como foco a exclusão institucional desses sujeitos no sistema educacional do Pará. Assim, de acordo com Buber (2001), a atitude humana determina o significado de sua existência e do mundo. Como corpus de análise foram selecionados seis discentes surdos, matriculados numa escola municipal de Belém. A pesquisa é de caráter descritivo, a partir de uma experiência vivida por uma das pesquisadoras. O resultado dessa pesquisa revela respostas positivas dos discentes à experiência com o envolvimento na proposta de ensino remoto, evidenciando possibilidades que podem ser replicadas no ensino formal.

Palavras-chave: Educação. Surdos. Comunicação. Pandemia. Representações Sociais.

Abstract: This article seeks to understand which representations are produced by deaf students about the reality in the context of the new coronavirus pandemic. Our reflections point to communication as an ethical action (SODRÉ, 2014) and a structuring and organizing dimension of social life itself (CASTRO, 2020), focusing on the institutional exclusion of these subjects in the educational system of Pará. Thus, according to Buber (2001), the human attitude determines the meaning of its existence and the world. As a corpus of analysis, six deaf students enrolled in a municipal school in Belem were selected. The research is descriptive, based on an experience lived by one of the researchers. The result of this research reveals positive responses from the students to the experience with the involvement in the remote teaching proposal, showing possibilities that can be replicated in formal education.

¹ Doutoranda em Comunicação e Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do Grupo de Estudos em Pesquisas Interdisciplinares em Diversidade e Inclusão (GEPIDI) e do Grupo de Estudos Narramazônia. <https://orcid.org/0000-0002-2346-9640>. E-mail: carlageorgia24@yahoo.com.br

² Pós-Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia. Doutora em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Pará. Docente do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom/UFPA) e da Faculdade de Comunicação (UFPA). Coordenadora dos Grupos de Estudos e Pesquisas Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia) e Hermenêutica e Comunicação (HERMENECOM). E-mail: aldacosta@ufpa.br

Keywords: Education. Deaf. Communication. Pandemic. Social Representations.

Resumen: Este artículo busca comprender qué representaciones producen los estudiantes sordos sobre la realidad en el contexto de la nueva pandemia de coronavirus. Nuestras reflexiones apuntan a la comunicación como una acción ética (SODRÉ, 2014) y una dimensión estructurante y organizadora de la propia vida social (CASTRO, 2020), enfocándose en la exclusión institucional de estos sujetos en el sistema educativo de Pará. Así, según Buber (2001), la actitud humana determina el sentido de su existencia y del mundo. Como corpus de análisis, se seleccionaron seis estudiantes sordos matriculados en una escuela municipal de Belém, la investigación es descriptiva, basada en una experiencia vivida por uno de los investigadores. El resultado de esta investigación revela respuestas positivas de los estudiantes a la experiencia con el involucramiento en la propuesta de enseñanza a distancia, mostrando posibilidades que se pueden replicar en la educación formal.

Palabras clave: Educación. Sordo. Comunicación. Pandemia. Representaciones sociales.

Introdução

Dentre as diversas mudanças produzidas pela pandemia do novo coronavírus no mundo, desde 2019, em particular no Brasil, duas dimensões da vida social foram impactadas por completo, mesmo que sejam processos ainda em curso: a educação e a comunicação. Com a primeira, levando-se em conta o objetivo de evitar aglomeração e a disseminação do vírus, houve a necessidade do distanciamento social entre docentes e discentes, e assim uma nova modalidade de ensino foi implementada, o ensino remoto ou aulas híbridas, entre síncronas e assíncronas, com a mediação de recursos tecnológicos. Por outro lado, e ao mesmo tempo, constata-se uma mudança na comunicação, que passa, segundo Castro (2020), a ser uma dimensão estruturante e organizadora da própria vida social na situação de longo risco de saúde. Ou seja, “os efeitos da pandemia também tendem a alterar, eventualmente potencializar, as mediações tecnológicas, estabelecendo novos padrões de acessibilidade e uso das redes” (CASTRO, 2020, p. 90).

Com o confinamento, as pessoas se veem obrigadas a inovar e produzir novas experiências e interações sociais, incluindo nas suas relações, de forma mais intensa, os artefatos tecnológicos. Aparelho de celular e internet, adentram de um modo geral a vida pública e privada dos indivíduos, e as redes sociais passam a se constituir como principais instrumentos dessa interação e de informação para as pessoas em isolamento.

Esse diálogo e observação do que está sendo vivido com as tecnologias, hoje, nos remete às reflexões de Muniz Sodré (2002; 2014), quando nas várias inserções do seu

pensamento afirma que há no tempo presente, uma forma de vida autônoma impulsionada pelo capital e tecnologicamente estruturada, em que se estaria migrando e nos instalando cada vez mais no âmbito e nas interações criadas pelos nossos sistemas sociotécnicos de comunicação. Mas, enfatiza o autor, é necessário compreender a comunicação enquanto vínculo e relações no mundo cultural, ou seja, enquanto “processo (ação) de pôr diferenças em comum” (SODRÉ, 2014, p. 194).

Esses apontamentos objetivam demarcar os aspectos que motivam a escrita do presente artigo, quais sejam as relações entre educação e comunicação dentro de um contexto pandêmico, que faz emergir a situação de sujeitos excluídos, institucionalmente, de participar ou ter acesso à direitos básicos, como a educação. Diante dessa situação sanitária da capital paraense, destacam-se os discentes surdos, porque tivera negada a possibilidade de continuação de seus estudos em 2020, pois suas condições humanas foram e são compreendidas, a partir de julgamentos de valor, como incapacitados, sendo baixa ou nula a eficácia atribuída a estes (WITOSKI, 2017). Assim, sob essa perspectiva, indagamos: quais representações são produzidas sobre a realidade pelos discentes surdos no contexto da pandemia do novo coronavírus?

Com intuito de responder essa pergunta, foi traçado os seguintes objetivos: experienciar modalidades do ensino remoto com os discentes surdos de Belém; e analisar as representações que são feitas do mundo, a partir de um contexto de pandemia do novo coronavírus. Nessa conjuntura, adotamos nessa pesquisa a análise descritiva e de relato de experiência como modalidades de conhecimento da pesquisa qualitativa, em que são combinados modos processuais do pesquisador e do pesquisado. Este último, o sujeito pesquisado, é o afetado, uma vez que interpreta os conhecimentos e responde suas compreensões de acordo com sua experiência vivida.

O relato de experiência, por sua natureza é qualitativa, pois envolve diversas opções teóricas e metodológicas, com ênfase ao aspecto descritivo, interpretativo e compreensivo dos fenômenos, circunscrito num tempo histórico. Segundo Minayo (2004), essa modalidade de pesquisa circula em torno de subjetividades provisoriamente objetivadas, em que o processo descritivo e interpretativo é atravessado pelo olhar/leitura do pesquisador, ao tempo que o ato de compreender também está relacionado ao universo existencial, sem verdades unívocas.

O relato de experiência foi tomado por suas dimensões importantes de análise, entre elas: a construção de conhecimento científico e a participação de um dos autores da

pesquisa no contexto da situação em estudo, uma vez que inicialmente ele não é pensado como uma pesquisa, mas como efeito de significação, por isso a necessidade da participação ativa do(s) autor(es) do projeto como parte da ação empreendida.

A significação da experiência, enlaçada à realidade concreta, é identificada no processo ou posteriormente, quando o sujeito – já afetado pelo discurso da ciência – pode localizar a potência de teorização dessa, para o avanço de determinado campo de conhecimento. A experiência vivida deve se apresentar a partir de sua natureza vária. Não se trata de descrever a impossível coisa em si, mas de, a partir da experiência do autor, gerar novas noções teóricas com capacidade de provocar a emergência de outras problematizações e processos; isso inclui uma gama de potentes e necessários elementos, vinculados ao território físico e social, sujeitos, práticas e processos; além da dimensão temporal e relacional, combinando-se a seus efeitos. Trata-se de apresentar, de forma objetiva e rica, o cenário, o texto, os atores e as técnicas utilizadas, em conformidade com o contexto dos envolvidos na experiência, de forma descritiva. (DALTRO; FARIA, 2019, pp. 234-235).

De acordo com Dalton e Faria, o relato de experiência deve ser descrito em forma de texto explicativo-interpretativo, em diálogo com correntes teóricas e conceituais, apontando novos saberes, a partir de uma escrita política e analítica, a qual revela o lugar de onde fala o autor. Assim sendo, oferece ao leitor, segundo Daltro e Faria (2019, p. 235), “referências sobre de que lugar a experiência está sendo falada, singularizada e problematizada, garantindo um diálogo entre os saberes científicos, e muitas vezes não científicos, com os saberes implicados na experiência em estudo”.

Nesta perspectiva descrevemos os aspectos considerados no relato de experiência com os discentes surdos de Belém. Primeiro nosso corpus de análise foi selecionado a partir da observação da situação de seis discentes surdos (quatro mulheres e dois homens), entre 12 à 16 anos, matriculados numa escola do ensino fundamental de Belém, que não teriam tido acesso à educação em 2020. Considerou-se, ainda, que a instituição municipal não estava preparada para incluir esses sujeitos na nova modalidade de ensino provocada pela pandemia, além da ação individual e isolada, de uma professora com domínio da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, lotada na sala de leitura da respectiva escola, que decidiu atender os discentes surdos, por meio do ensino remoto.

A coleta de dados para a análise da pesquisa ocorreu da seguinte forma: a docente entrou em contato com cada um dos alunos e verificou as possibilidades de acesso tecnológico, tais como: Whatsapp, aplicativo Zoom e Google Meet, Instagram, e-mail,

Youtube, dentre outros para estimular a aprendizagem. A partir desse contato inicial, e da identificação das possibilidades de cada discente, foi elaborado um planejamento com o objetivo do ensino remoto descrito nas seguintes etapas: a) diálogo com os familiares; b) troca de experiências entre os membros da família, colegas da turma e a professora; c) registro fotográfico dos momentos de interação para constar do relatório final; d) encontros síncronos uma ou duas vezes por semana, no horário determinado pelos discentes; e) atividades em conjunto entre discentes e docente, nos ambientes das redes sociais; f) atividades temáticas, tendo como referência o dia a dia com a família; e g) escolha, de comum acordo com os discentes, de um tema ou assunto central à direcionar o desenvolvimento das atividades didáticas escritas. O assunto central a ser trabalhado no ensino remoto foi pandemia do novo coronavírus.

Após a sistematização da didática implementada em 14 de setembro de 2020, foram iniciadas as aulas para os respectivos discentes surdos, com término em 15 de dezembro, cuja interatividade aconteceu dentro das possibilidades de cada um, em conjunto com os familiares e a contribuição da professora da sala de leitura, no propósito de estabelecer a contínua comunicação e troca de conhecimentos, por intermédio da Libras e da escrita em Língua Portuguesa como L2. Ressalta-se, também, o uso das redes sociais como ferramenta de apoio virtual à essas ações produzidas em conjunto.

Os materiais utilizados na aprendizagem foram: matérias e artigos jornalísticos sobre a pandemia e as questões sanitárias mundiais, tanto impressas quanto audiovisuais, materiais sobre a difusão de fake news, textos compartilhados por meio de Whatsapp e vídeos do Youtube, dentre outros. As intervenções se deram com a finalidade de orientações sobre as produções escritas ou de vídeos dos discentes surdos.

Ademais, todas as atividades foram organizadas no diário de aula dos alunos, assim como relatadas em reuniões de videochamadas com os discentes, via Google Meet. Também nesse ambiente os alunos apresentaram seus vídeos em diálogo com os familiares, relacionados à temática pandemia, a partir das interpretações dos materiais jornalísticos consultados.

Teórico-metodológico

Esta escrita tem uma inspiração em Paulo Freire que “pensa a realidade e a ação sobre ela” e “Trabalha teoricamente a partir dela”, conforme nos diz Gadotti (1996, p. 77), uma vez que analisa o contexto social de sujeitos surdos que ainda são excluídos de

participação na sociedade.

Neste contexto, se apresentam discussões acerca das narrativas difundidas na sociedade à respeito dos sujeitos surdos, ao julgar que essas narrativas salientam representações que podem evidenciar como a sociedade os percebe, e baseada nas informações teóricas em estudos sobre surdos (WITOSKI, 2017; SKLIAR, 1997), essas representações se singularizam em momentos históricos diferentes, que os determina ora como sujeitos patológicos e incompetentes, colocando a surdez como doença; ora como sujeitos narrados como componentes de um grupo minoritário, com singularidades linguísticas que devem ser consideradas e reconhecidas, colocando a surdez como diferença.

Mas ainda percebemos que esse processo se encontra intimamente relacionado às desigualdades nas relações sociais existentes, e às implicações dessas nos espaços legais, institucionais, sociais e culturais. Neste sentido, segundo Witoski (2017, p. 884), os julgamentos preconceituosos ou pejorativos às pessoas surdas são resultantes de uma “construção social histórica estigmatizada, e edificada a partir de rígidas classificações e hierarquizações binárias do ser humano, que estabelecem que o normal é ser ouvinte, e que, portanto, a pessoa que não ouve é anormal”.

Neste sentido, dialogamos com as representações sociais e os sentidos na “formação de um outro tipo de conhecimento adaptado a outras necessidades, obedecendo a outros critérios, num contexto social preciso” (MOSCOVICI, 1978, p.24). As representações sociais se produzem, sobretudo, quando as pessoas estão reveladas às instituições, aos meios de comunicação de massa e ao legado histórico-cultural da sociedade. O conhecimento extraído do senso comum é reconhecido, transformando o não familiar em familiar, assim, o saber do dia a dia do sujeito produz a ruptura com a preponderância da compreensão científica. Dessa maneira, as representações sociais se instituem em um conjunto de “conceitos, preposições e explicações criada na vida cotidiana, no decurso da comunicação interindividual. Equivalente, na nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais e, ainda, ser vista como uma versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 2003, p. 28).

Segundo Jovchelovitch (2000), a edificação das representações sociais tem disposições históricas e sociais demonstradas como componentes fundamentais nos procedimentos de ancoragem e objetivação. Enquanto acontecimento, as representações sociais agregam em sua organização interna: permanência e diversidade. Assim, segundo Jovchelovitch (2000, p. 41-42), tanto a história como a realidade

[...] contêm em si a mudança e a resistência à mudança. A resistência à mudança se expressa pelo peso da história e pela tradição, que impinge sobre os processos de ancoragem e objetivação. As sementes da mudança são encontradas no meio essencial das representações sociais, notadamente a conversação. A fala é precisamente o produto de um processo, contínuo de diálogo, conflito e confrontação entre o novo e o velho, de ideias que se formam precisamente enquanto são faladas.

Assim sendo, as representações sociais são uma técnica produzida por atores sociais “para enfrentar a adversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um, individualmente” (JOVCHELOVITCH, 1997, p. 42). Ou seja, a sua compreensão reclama um caráter tanto alusivo, quanto construtivista, pois sempre estão na posição de algo, reproduzindo algum objeto. Por reproduzir, possuem a capacidade de (re)apresentar, sendo, dessa forma, móveis, versáteis e em contínua transformação, descobrindo, portanto, na fala e na conversação, o ambiente fértil e o espaço para modificar-se.

Os conhecimentos a respeito dos juízos, entendimentos e representações sociais têm guiado significativas contribuições de autores no entendimento dos estigmas que surgem em volta do sujeito surdo, uma vez que possuem como alicerce, narrativas produzidas por um grupo hegemônico que impõem padrões de normalidades.

Essas representações ocorrem em vários momentos, situações e ambientes em que os sujeitos se encontram e se comunicam, onde se processa a vida cotidiana, assim como nos domínios de convicções e concepções particulares de diferenciados segmentos e grupos populacionais. Tais narrativas não são neutras e têm consequências na vida das pessoas. Por conseguinte, modalidades de conhecimento práticos, dirigidas para a comunicação e para o entendimento do contexto social que vivenciamos, se expressam por meio de conceitos, categorias, imagens e teorias, porém não se limitam aos segmentos cognitivos. Isto posto, são fenômenos sociais realizados nas funções simbólicas e ideológica e nas formas de comunicação onde circulam.

Por isso, consideramos importante o diálogo com as Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003), uma vez que sua perspectiva se centra na relação entre sujeito e sociedade, fazendo com que este sujeito, através de sua atividade e relação com o objeto-mundo, construa tanto o mundo como a si próprio. Lembramos, assim, de acordo com Duveen (apud GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2013, p. 8), que as representações sustentadas pelas “influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as

quais nós ligamos uns aos outros”.

Representações e sentidos da realidade

Como mencionado anteriormente, pensamos na utilização das redes sociais, não como ferramenta de lazer, mas, especialmente de aprendizagem. Ao selecionar as redes sociais, imediatamente organizamos um planejamento de ensino, tendo como prioridade a continuidade do trabalho com a leitura e escrita, indispensável no desenvolvimento cognitivo destes.

Por intermédio das tecnologias e, com a autorização dos responsáveis, a professora entrava em contato com os discentes surdos pelo Whatsapp, no horário que estes estariam em sala de aula e, por vídeo chamada, utilizavam a Libras para iniciar suas conversas, saudando e procurando sempre saber como todos estavam. Na sequência, se estabeleciam as orientações sobre as atividades que deveriam ser desenvolvidas com o compartilhamento de links do Youtube, reportagens jornalísticas da TV Globo e da TV Liberal.

Além disso, a partir das matérias jornalísticas era, também, solicitado que os discentes observassem o tratamento dado à pandemia, os cuidados que deveriam ser tomados, a questão da higiene, o uso de máscaras, a importância do distanciamento social, e ter, sobretudo, conhecimentos sobre a covid-19. Do mesmo modo, inferia como eles estavam observando a postura do poder público, autoridades municipais, estadual e federal, bem como questões sobre o auxílio emergencial (assunto de interesse dos discentes, devido suas condições e de seus familiares), proliferação de Fake News e o que fazer para se proteger das desinformações.

Outros canais também eram utilizados, como a rede social Instagram, na qual se compartilhavam notícias do site DOL - Diário Online, inerente ao jornal paraense Diário do Pará, com assuntos também referentes à pandemia e, nesse contexto, as observações dos discentes, a partir de um olhar crítico do material dessas redes sociais, resultaram na produção de textos, que após elaborados eram fotografados e enviados individualmente, via Whatsapp, à professora que conduzia o ensino aprendizagem, como, também, suas dúvidas sobre a execução das tarefas, na maioria das vezes, eram sanadas por videochamadas. Ademais, todos os exercícios realizados eram debatidos e conforme correções eram reformulados.

Paralelo às atividades didáticas, recorreu-se à plataforma Zoom, na versão gratuita

instalada no aparelho celular dos discentes, em alternância como o Google Meet, na realização das rodas de conversas com discentes e familiares. Nessas atividades inserimos os familiares no sentido da construção do conhecimento e na discussão sobre a pandemia. Discentes e familiares optavam quase sempre pelo uso do Zoom, pois consideravam mais fácil o seu manuseio. Gravamos todos os encontros e registramos as capturas das telas após autorização de todos. O e-mail nesta experiência, foi utilizado para confirmar nossos horários de reunião.

Compreendemos a importância desse trabalho ou experiência coletiva como uma possibilidade, segundo Freire (1987), de um **diálogo entre professor e aluno**, procurando transformar o estudante em um **aprendiz ativo, contra um comportamento que** transforma os alunos em objetos receptores, controla o pensamento, a ação e inibe o seu poder criativo.

Fundamentados nas notícias jornalísticas, os discentes surdos, relataram suas experiências com a produção de textos e vídeos, discorrendo sobre as representações e percepções observadas sobre a pandemia. Eles reconheceram a gravidade do momento atravessado, apontando para uma grave crise sanitária e humanitária mundial. Para eles, o novo coronavírus é uma ameaça à saúde e, sobretudo, à renda dos mais humildes. Percebemos que o olhar sobre a pandemia está conectado ao cotidiano dos estudantes e às experiências que eles têm, que se assemelham, em tese, à Pedagogia Libertadora de Paulo Freire (1987).

Assim, os discentes ‘dialogaram’ com o material jornalístico, principalmente as matérias das emissoras de tevê, fazendo questionamentos críticos em relação aos comportamentos e discursos entre a ciência e as autoridades, refletidas na pessoa dos presidentes Trump (EUA) e Bolsonaro (Brasil), e como esses governantes geraram conflitos e tensionamentos entre os indivíduos, a partir de seus comportamentos equivocados.

Os discentes relataram em seus textos, condutas de parentes e vizinhos que afetam a sociedade como um todo, motivados por ideologias políticas que contrariavam as orientações da Organização Mundial de Saúde - OMS. As produções textuais dos discentes apresentaram interpretações sobre os conflitos entre vida e morte, irracionalidade política no combate ao vírus e a percepção do papel da escola neste momento. Atrelada a dificuldade em realizar as atividades propostas, em virtude das dificuldades de acesso aos recursos tecnológicos e à Internet, relataram, também, em seus textos, situações de angústia, violência doméstica e trágicos acontecimentos de mortes.

Relatamos, especificamente, a situação de uma das discentes envolvidas nesta experiência, que foi impossibilitada de assistir os vídeos indicados pela professora, uma vez que contrariava as concepções ideológicas de seu pai, que afirmava que aquilo era “coisa do diabo”. Assim, para participar das atividades, que considerava essencial como recurso didático e de conhecimento, foi necessário contar com a ajuda de uma tia que lhe fornecia o celular em sigilo. Em seus relatos, chamou a atenção os momentos de fome que assolava sua família, condição essa, justificada pelo fato de seu pai estar desempregado, o que lhe ocasionara algumas noites de lágrimas pela falta de alimento. Identificamos assim, um entrelaçamento de histórias, todas relacionadas ao contexto familiar em que o pai é uma figura presente em todas as suas narrativas, ora como opressor, ora como oprimido, somado ao agravamento das circunstâncias provocadas pelo novo coronavírus.

O comportamento dos sujeitos da pesquisa no uso da tecnologia

Observamos na experiência do ensino remoto, que a tecnologia se configura, relevantemente, entre os discentes surdos, e acredita-se que até mais do que para os ouvintes, pois além de possibilitar o reencontro com seus iguais, também, a modalidade de ensino remoto, propiciou troca de experiências, saberes a respeito do novo coronavírus, um espaço para expressar as suas percepções e de seus familiares, uma vez que a partir dessas matérias jornalísticas externaram as interpretações dos seus pais, que assistiam e discutiam com eles.

Outra importante observação, nessa modalidade de ensino, é que os discentes surdos não se intimidaram ou diminuíram sua condição de sujeito participativo, pelo contrário, com a tecnologia e as informações obtidas, por intermédio do material indicado, assumiram postura de sujeitos ativos, com participação ativa na construção do conhecimento. Claramente, utilizaram a tecnologia para narrar suas compreensões e de seus familiares a respeito do novo coronavírus. E, diante de todo o contexto pandêmico, também tiveram suas respectivas realidades sociais transformadas ou agravadas.

O uso da tecnologia outorgou a possibilidade deste sujeito examinar, autônoma e criticamente, as posturas diversas diante do mundo, colaborando positivamente na interação destes com o mundo. Não podemos negar que essa experiência proporcionou novas sinergias entre os discentes, família e a professora.

Ressaltamos, que no desenvolvimento dessa experiência tivemos algumas

dificuldades que foram solucionadas com conversas entre a professora e as famílias, entre elas estão a falta de compreensão, no início do ensino remoto, no uso das redes sociais e desenvolvimento das atividades, justamente porque alguns não tinham acesso a essas redes; a dificuldade em relação ao tempo disponibilizado para o uso do celular, uma vez que determinados discentes tinham que socializar um único aparelho com todos os membros da família; a falta de recursos financeiros para manter regularmente acesso à internet; e por último, a dificuldade de compreensão de alguns responsáveis em relação ao uso dos celulares, pelos discentes, para a continuidade do processo de aprendizagem.

O trabalho utilizando as redes sociais (Whatsapp, aplicativo Zoom, Instragram, Google Meet, e-mail e youtube) com os discentes teve como fundamento a comunicação como algo intrínseco à necessidade humana, conforme nos indica Sodré (2014, p. 9) ao declarar que “originalmente, comunicar, agir em comum, ou deixar de agir o comum, significa, vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar-se organizar pela dimensão constituinte, intensiva e pré-subjetiva do ordenamento simbólico do mundo”.

Desse modo, inferimos que os indivíduos são comunicantes, porque existe algo em comum que necessita ser compartilhado. Para esse fim, foi indispensável relacionar e “sistematizar mediações simbólicas” compreendendo que a comunicação, através das redes sociais, seria nossa principal forma de ordenação para responder nosso principal objetivo, que foi de experimentar essa nova modalidade de ensino remoto e compreender como esses sujeitos e suas respectivas famílias estavam lidando com o isolamento e o bombardeio de notícias sobre o que fazer e como agir diante da realidade, assim como lidar com sentimentos diversos, como: perdas, mortes, lutos, angústias, ansiedades, depressões, entre outros. Então, utilizamos as redes sociais, não como ferramenta de lazer, mas como recurso de aprendizagem, considerando ser o ambiente de familiaridade e acesso dos jovens.

Assim sendo, planejamos o ensino privilegiando a comunicação, no sentido abordado por Castro (2020), a partir das transformações provocadas pela pandemia nas relações interpessoais, tendo os discentes surdos como prioridade e a continuidade do trabalho com a leitura e escrita como finalidade indispensável no desenvolvimento cognitivo destes. [...] experimentamos um processo de tecnologização da vida social ainda sem precedentes, amplificado pelas imposições do isolamento social e pelas próprias dinâmicas de saúde pública associadas à condição pandêmica [...] (CASTRO, 2020, p. 97-98).

É importante destacarmos que ao finalizar cada atividade, os discentes enviavam

suas respostas e produções à professora da sala de leitura, que apreciava e emitia parecer, sobretudo, com a intenção de incentivar novas criações textuais e, quando indispensável, realizava correções para o aperfeiçoamento das atividades. Nesta perspectiva, observamos que os discentes, a partir da comunicação, construíram o sentido da vida social, uma vez que seus relatos serviram para reconhecer-se a si mesmo no contexto mundo.

Algumas considerações

Primeiro aspecto a destacar nesta experiência, reafirmando o que dizia Paulo Freire em outro contexto histórico, relevante para pensar o hoje seria que a educação é um ato político, que liberta os indivíduos, por meio da “consciência crítica, transformadora e diferencial, que emerge da educação como uma prática de liberdade”.

A partir dos textos escritos pelos discentes surdos constatamos um modo próprio de pensar, levando em conta as experiências de cada discente e sua condição em busca de ser incluído como prioridade na educação. Os discentes apresentaram construções de uma consciência reflexiva, pensando sobre eles e suas relações com o mundo.

É evidente, que nessa experiência inicial, do ensino remoto com discentes surdos, excluídos do debate de acesso à educação nesse período, nas escolas municipais de Belém, nos defrontamos com alguns desafios e dificuldades, entre eles: no início do processo, os discentes apresentaram certa dificuldade em compreender como se processaria o desenvolvimento das atividades com o uso das redes sociais, devido alguns não terem acesso a esses ambiente digitais; a disponibilidade de aparelho de celular, pois em alguns casos, os discentes dividem com os outros membros da família um único aparelho; dificuldades financeiras para ter acesso à Internet; e dificuldades de compreensão, por alguns responsáveis dos discentes, em relação ao uso dos celulares, como acesso às aulas.

Nesta pesquisa ainda há muito o que explorar, interessante rever o problema que norteou essa experiência, por exemplo: quais representações são produzidas sobre a realidade pelos discentes surdos no contexto da pandemia do novo coronavírus? Igualmente, convém reexaminar os objetivos traçados no início dessa experiência, os quais foram: experienciar modalidade de ensino remoto com discentes surdos de Belém e analisar as representações que eles fazem do mundo, a partir de um contexto pandêmico,

no qual estão inseridos.

Ainda sobre esse viés, alicerçados nessas perguntas, que dirigiram a experiência, afirma-se que as representações sociais produzidas sobre a surdez, sobretudo, nos posicionamentos da secretaria Municipal de Educação e Cultura e, de igual forma, de professores, perpetua discursos que compreendem os sujeitos surdos como “deficientes”, “incapazes”, determinando uma associação negativa de exclusão, por não “pertencerem” ao modelo padrão ouvinte. E, sem aceitar essas concepções, desenvolvemos essa experiência, na modalidade do ensino remoto, tendo como princípio a comunicação, por meio das redes sociais, como instrumento para estimular a aprendizagem do discente surdo e, simultaneamente, informando e dando continuidade ao processo de leitura e escrita.

As redes sociais como instrumentos de produção e distribuição de informação foram fundamentais para incentivar os respectivos sujeitos na produção de textos escritos, foram edificados discursos que possibilitaram a experiência da cidadania comunicativa, bem como, o direito de expressão, mesmo com pouca leitura crítica. Os discentes em seus textos expressaram percepção de comportamentos dissonantes com relação as orientações da OMS, entre outros. Tudo registrado em língua portuguesa como L2 e em Libras, no uso prático, como L1.

Por fim, devido à práxis dialógica e inclusiva, fortaleceu-se, nos discentes surdos, o engajamento na realização das atividades propostas, autoestima e motivação. Muito mais do que diálogo, a comunicação que desenvolvemos nessa experiência despertou a curiosidade, ampliou a interação entre os discentes, família e professora. Foi alcançada uma vivência prática daquilo que é trabalhado em sala de aula. Essa experiência, em que utilizamos as redes sociais, possibilitou o apoio social que evidencia os aspectos positivos das interações, como compartilhar informações, sistemas de trocas e o entrelaçamento de relação entre os familiares.

Referências

BUBER, Martin. **Eu-tu**. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

CASTRO, Fábio F. Impactos da Covid-19 sobre os processos comunicacionais: Primeiras observações sobre dinâmicas, impasses e riscos. **Paper do NAEA**. 2020, Volume 29, Nº 1 (Dossiê Crise e Pandemia). ISSN 5169111.

DALTRO, Mônica R.; FARIA, Anna A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro v. 19 n. 1 p. 223-237, Janeiro a Abril de 2019. ISSN 1808-4281.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (org.). **Textos em representações sociais**. 14. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MINAYO, Maria C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria C. S. (Org.) **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SKLIAR, Carlos. **La educación de los sordos: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica**. Mendoza: EDIUNC, 1997.

SODRÉ, Muniz. **Ciência do comum**. Petrópolis, Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Petrópolis, Vozes, 2002.

WITOSKI, Sílvia A. A interface entre a família e o direito ao ensino bilíngue para sujeitos surdos: rompendo oposições binárias. **ETD-Educação Temática Digital**. Campinas, v.19 n.3 p. 882-900 jul./set. 2017. DOI:10.20396/etd.v19i3.8646222.